



PHILIP GUNN: DEBATES E
PROPOSIÇÕES EM ARQUITETURA,
URBANISMO E TERRITÓRIO NA ERA
INDUSTRIAL

CORREIA, TELMA DE BARROS (ORG.). SÃO PAULO:
ANNABLUME/FAPESP, 2009. 168P.

ISBN: 978-85-7419-937-5

Marcos Virgílio da Silva

AS PELEJAS DE PHIL – UMA AMOSTRA DE UM GRANDE LEGADO

Em dezembro de 2000, um recém-formado arquiteto é convidado a discutir seu trabalho de graduação com o doutor Philip Gunn. Não podendo ter participado da banca examinadora desse trabalho, Gunn, ainda assim, propôs-se a discuti-lo com mais calma e detalhe do que *“os vinte minutos de arguição permitem”*, como disse na época.

Logo de início, mostra um exemplar de sua dissertação de mestrado, em que discute a aplicação da Teoria dos Sistemas ao Planejamento Urbano – uma questão bastante afeita ao próprio trabalho de graduação que estávamos ali discutindo. *“Eu também já fui adepto dessas teorias”*, ele disse. *“Com o passar dos anos e as pesquisas, fui me tornando cada vez mais crítico delas. Hoje, eu diria que sou um opositor frontal a essas abordagens.”*

Impossível não se recordar desse diálogo ao percorrer os textos que compõem o livro organizado pela professora Telma de Barros Correia. A declaração, que deu início a uma orientação estimulante e transformadora (pessoalmente falando), carrega uma pequena amostra das qualidades intelectuais que marcaram a trajetória acadêmica e que o livro demonstra.

Também ajuda a compreender um pouco da dificuldade de interlocução que encontrava na área de arquitetura e urbanismo. Pois, se é clara sua *“inquietação intelectual”*, sua *“rara erudição”* e o *“compromisso com a crítica à ordem capitalista”*, como afirma a organizadora na apresentação do livro (p. 7), também é nítido como o alcance de sua crítica cria embaraços, especialmente a quem, inadvertidamente ou não, aplique conceitos e teorias que, sob o exame minucioso e inclemente de Gunn, revelam suas limitações e insuficiências.

Em todo o seu trabalho, e exemplarmente nos cinco textos que compõem esse livro, revela-se uma aguda leitura de numerosas referências bibliográficas (que atestam a erudição mencionada), por meio da qual o autor, permanentemente, examina e reexamina formulações que, em muitos casos, ou acabaram aceitos sem maior crítica ou, perdidos os vínculos com o contexto social em que se engrandaram, passam a ser replicados mecanicamente e de forma desatenta. O

primeiro caso é exemplificado pela qualificação de “flexível” dada à organização do trabalho no período “pós-fordista” (examinada no quinto capítulo) da globalização neoliberal, enquanto o segundo se relaciona a aplicações indiscriminadas das teorias sistêmicas e ecológicas (amplamente criticadas por Gunn em sua produção, sobretudo a partir de meados da década de 90, e que aparece, nessa coletânea, em breve e instigante passagem acerca do uso de concepções biológicas e, posteriormente, cibernéticas – p. 57, nota de rodapé # 24).

Nos dois primeiros capítulos do livro, nos quais o paradigma das cidades-jardins ocupa o centro de sua atenção, Gunn se vale do acesso a uma ampla bibliografia internacional sobre o assunto, bem como da produção original de autores ligados àquele movimento, como Raymond Unwin e Barry Parker. Essa facilidade talvez hoje se mostre mais disponível à maioria dos pesquisadores, mas não deixa de ser uma triste constatação perceber quão limitada é, ainda, a oferta de tais obras disponível em língua portuguesa. Assim, os trabalhos que compõem esse livro já oferecem, de antemão, a incorporação inovadora (para o cenário brasileiro) de referências pouco usuais.

Mas o caráter realmente inovador dos estudos de Philip Gunn reside não apenas na proposição de novos temas e questões – como é o caso da proposta, relatada por Ana Fernandes em seu prefácio, da discussão do “século XX como objeto da História” – mas também no reexame de temas já consagrados, assumindo a tarefa de confrontar estigmas ou visões consolidadas. Assim é que, ao dedicar-se ao exame da arquitetura e das proposições urbanísticas de Frank Lloyd Wright, Gunn problematiza, simultaneamente, duas das interpretações (“*nem revolucionário social, como defendeu Leonard Reissman, nem pró-agrário, como entendeu Giorgio Ciucci*”, p. 15) consagradas e propõe a interpretação de ser o projeto de Wright visto à luz da nova organização do trabalho – e do espaço – emergente com o fordismo.

Gunn, em nenhum momento, furta-se às polêmicas e, como bom marxista britânico, não deixa de lançar mão de ironias tão ácidas quanto certeiras, desnudando o conteúdo freqüentemente ideológico de afirmações supostamente contundentes, mas essencialmente frágeis. Assim, ao discutir o argumento de “eficiência” usado para justificar o fechamento de uma fábrica no vale do Paraíba, mostra como o parâmetro adotado era uma fábrica que logrou o aumento de produtividade à custa de massiva demissão de trabalhadores (p. 146-147).

A importância que a Escola da Regulação Francesa parece assumir em seus estudos – sobretudo ao discutir as relações de produção industrial em suas formas fordista e “pós-fordista” – não deve desviar a atenção para o fato de, em seus trabalhos, a abordagem da *história social* (particularmente no enfoque marxista de E. P. Thompson) ter também importância considerável. Assim, quando da reestruturação das áreas de concentração da pós-graduação da FAUUSP, o pesquisador optou por se filiar à área de História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo. Nessa área, encontrou o ambiente propício para o tipo de pesquisa histórica em que o acadêmico parece transitar com a maior desenvoltura: os processos sociais de difusão de idéias (e ideologias), as filiações intelectuais (conceituais ou práticas) entre os praticantes da arquitetura e urbanismo e seu meio cultural – extrapolando, inclusive, o âmbito estrito dessas disciplinas para alcançar referências sociológicas, filosóficas, econômicas ou outras com as quais as proposições arquitetônicas e urbanísticas, necessariamente, a seu ver, dialogam.

A forma como empreende esses diálogos interdisciplinares qualificou Gunn como um pesquisador capaz de encarar questões dessas outras disciplinas com considerável êxito, sem, contudo, deixar-se absorver por elas: o olhar do arquiteto urbanista se conserva e somente se amplia oferecendo a essas outras ciências uma contribuição fundamental para a territorialização de suas questões e, à arquitetura e urbanismo, um modo de tratar a História que supera imensamente o enfoque auto-referente que, por vezes, marca a produção nessa área.

Por outro lado, a ampliação de perspectivas tornou-o o crítico das abordagens estruturalistas ou sistêmicas (que ainda marcam parte não-desprezível da produção acadêmica sobre urbanismo e urbanização), à qual fez menção no encontro de 2000 relatado no início desta resenha. O livro, porém, não traz os textos nos quais a contribuição de Phil nesse sentido mostraria-se mais evidente – textos em que discute as metáforas biológicas e o “paradigma sistêmico” nas ciências ambientais e no planejamento urbano e territorial. Longe de constituir lacuna no livro organizado por Correia, considerando-se a pertinência do critério de obedecer à própria indicação do autor dos textos mais importantes de sua produção e a notável coerência que os textos adquirem em conjunto, o embate teórico com o “paradigma sistêmico” se mostra merecedor, desde já, de uma coletânea complementar.

É de supor-se que esse outro embate não seja tão bem recebido no ambiente intelectual da atualidade, tão amplamente favorável às análises estruturais. É possível, inclusive, que a crítica à ordem capitalista, presente já nesse livro, seja desconfortável à ideologia dominante, sobretudo porque o rigor e a profundidade com que Philip Gunn encarou esses debates tornam-no um interlocutor de difícil desqualificação. Por isso mesmo, a importância dessa coletânea: começa (e espera-se que continue) a ganhar espaço em livrarias uma produção fundamental que antes se encontrava dispersa em uma miríade de periódicos e anais de eventos científicos.

Marcos Virgílio da Silva

Mestre e doutorando FAUUSP, na área de concentração de História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo.

R. Dr. Dolzani, 602, ap. 03. Jardim da Glória

São Paulo, SP

(11) 9566-5983

virgiliom@usp.br